

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO I - MONOGRAFIA

MARIA RITA BERTA HORN

A experiência da reportagem
em *O inverno da guerra*, de Joel Silveira

Porto Alegre
2008

MARIA RITA BERTA HORN

A experiência da reportagem
em *O inverno da guerra*, de Joel Silveira

Monografia de Conclusão do Curso de Graduação
em Comunicação Social, Habilitação em
Jornalismo, apresentado ao Departamento de
Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação Social da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof.(a) Mestre Rosa Nívea Pedroso

Porto Alegre
2008

MARIA RITA BERTA HORN

A experiência da reportagem
em *O inverno da guerra*, de Joel Silveira

Monografia de Conclusão do Curso de Graduação
em Comunicação Social, Habilitação em
Jornalismo, apresentado ao Departamento de
Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação Social da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof.(a) Mestre Rosa Nívea Pedroso

Comissão examinadora

Prof.(a) Dra. Cida Golin

Prof.(a) Dra. Ilza Marinho Tourinho Girardi

Prof. (a) Mestre Rosa Nívea Pedroso

Porto Alegre
2008

A Marly Berta Horn, minha mãe, pelo amor e paciência; aos meus sete irmãos, por todo o carinho; e a João Carlos Horn (*in memoriam*), meu pai, cuja lembrança me deu forças para terminar este trabalho nos momentos mais difíceis.

Agradeço a minha orientadora, professora Rosa Nívea Pedroso, pela paciência e disponibilidade; aos colegas de faculdade que ajudaram no caminho até aqui; ao meu irmão Luciano, minha mãe, Marly, e meu namorado, André, pelo suporte emocional nesse período.

Pouquíssimos repórteres já cultivaram, como Joel, uma paixão tão inabalável pela reportagem. Nunca quis ocupar os cargos – eventualmente bem pagos – que se ofereciam, tentadores, na retaguarda das redações. Sempre fez a opção preferencial pelo “mundo exterior”. Porque desde cedo aprendeu que a boa reportagem precisa ser caçada na rua, feito touro bravo.

Geneton Moares Neto

RESUMO

Este trabalho procura identificar, por meio de um estudo de caso, diferenças entre as metodologias da reportagem e da notícia que fazem da primeira um caminho para um jornalismo de compreensão dos fatos e da contemporaneidade. Foi escolhido o livro *O inverno da guerra*, de Joel Silveira, por ser um exemplo de repórter como observador participante, que capta, interpreta e narra a realidade. A análise das reportagens do livro ajudou-nos a compreender a riqueza dos métodos de Joel e da reportagem.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AS BASES DO JORNALISMO	11
3 REPORTAGEM: LUGAR DA NARRAÇÃO POR EXCELÊNCIA	15
3.1 Uma história nem sempre ininterrupta	16
3.2 <i>New journalism</i> : um capítulo importante na história da reportagem	19
3.2.1 O sonho de escrever romance	20
3.2.2 O atalho descoberto pelos jornalistas de 60	20
3.2.3 Os recursos	21
3.2.4 Nem tão novo assim	21
3.3 Reportagem e notícia: as divergências	22
3.3.1 A sofisticação pelo texto	23
3.3.1.1 O repórter-narrador	25
3.3.2 De onde surge a reportagem: o repórter e o <i>insight</i>	26
3.3.3 Subjetividade: o repórter como agente interpretativo	28
4 LIVRO: O VÔO LIVRE DA REPORTAGEM	31
4.1 Como se dá a extensão	33
5 O INVERNO DA GUERRA: UMA LUZ SOBRE O MÉTODO DA REPORTAGEM	35
5.1 A “víbora” Joel Silveira	36
5.2 O livro <i>O inverno da guerra</i>	37
6 A REPORTAGEM EM O INVERNO DA GUERRA	39
7 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO	51

1 INTRODUÇÃO

Vivemos, no Brasil, alguns momentos importantes de experimentação da prática jornalística. A revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* são alguns exemplos de experiências não-convencionais, entre a década de 60 e 70. Não chegaram a ser tão transgressoras quanto aquelas experimentadas por jornalistas como Gay Talese, Tom Wolfe e Truman Capote, nomes expressivos do *new journalism*, caminho que percorreram esses, entre outros profissionais, na tumultuada década de 60 norte-americana, para contar boas histórias não-ficcionais. Era uma vertente renovadora do jornalismo literário, já utilizado por escritores como Ernest Hemingway, por exemplo.

Mas que rosto, ou melhor, que nome tem essa experimentação que foge do noticiário, das amarras da produção estandarizada, e que permite uma leitura ampla da contemporaneidade? Essa prática chama-se reportagem, tema desta monografia.

Embora muitos achem que o jornal impresso ainda está longe de ser extinto, parece claro que seu papel precisa ser reavaliado. Os leitores não querem mais encontrar nele apenas o factual, a mesma notícia que já ouviram no rádio ou viram na TV. Hoje, então, nem precisamos mais esperar até o próximo telejornal ou boletim de rádio. A informação está na internet, disponível pelo mínimo esforço. Informação rápida, global e diversificada. Alguns chegam até mesmo a afirmar: “As informações da edição de hoje de um jornal já são velhas ao meio-dia”.

Se os leitores não sabem bem o que esperar do conteúdo de um jornal, ou qual será o seu futuro, os profissionais e estudiosos da Comunicação devem estar à frente desses questionamentos e saber que um dos caminhos será oferecer informação contextualizada e trabalhada textualmente, ou seja, um dos meios de sobrevivência pode ser a reportagem. Há quem diga que o esforço é em vão, porque as pessoas não têm mais paciência para ler textos longos em uma era da informação fragmentada. O pensamento é uma generalização. Talvez a falta de paciência dos leitores seja justamente porque procuram nos jornais e nas revistas uma cobertura diferente, que os seduza, e pouco têm encontrado disso.

Qual a novidade em falar de reportagem? Apenas no que diz respeito à atitude que os veículos impressos devem tomar – e alguns até já estão se conscientizando que devem tomar novos rumos. Se a reportagem, como prática, é novidade para um determinado profissional, é porque ele está acostumado a praticar somente aquilo que Milman (1998, p. 29) chama de “uma

corruptela de jornalismo”: noticiário.

O cerne deste trabalho é justamente acerca do que diz Milman sobre a importância de “discernir entre a metodologia sofisticada da reportagem e a metodologia esquemática do noticiário” (1998, p. 29), na busca de um jornalismo mais reflexivo, mais crítico. Nosso objetivo maior foi, então, por meio da análise de uma importante experiência do passado, revisitar algumas técnicas que fizeram e ainda fazem da reportagem uma “metodologia sofisticada” e uma alternativa para a sobrevivência dos jornais. Para tanto, observamos como Joel Silveira, em *O inverno da guerra*, utilizou-se de recursos narrativos, de apuração, de observação participante e de suas aproximações com o jornalismo literário.

Para percorrer esse caminho, começamos pela revisão bibliográfica de alguns conceitos. Era importante que começássemos pela própria compreensão do que representa o jornalismo atualmente, tanto para seus praticantes quanto para aqueles que recebem as informações. É disso que trata o segundo capítulo.

No terceiro capítulo, falamos sobre a definição de reportagem, seu histórico, o que a faz diferente da notícia e de como é importante a figura do repórter para o seu surgimento, desde a pauta, passando pela execução e chegando até o relato. Nesse percurso, obviamente ele deixa rastros de sua subjetividade. Por isso também abordamos essa questão. Não tinha como pensarmos a reportagem enquanto método sem revisitar um de seus períodos de maior experimentação: o *new journalism*. Para encerrar, falamos sobre como a reportagem permite a liberdade em relação às amarras que não permitem um texto mais livre, sofisticado, sedutor.

Como último capítulo de revisão bibliográfica sobre o tema, o quarto abordará o livro-reportagem como possibilidade da reportagem em sua mais ampla liberdade de método. Principalmente para o repórter que se sente tolhido quando empregado de uma empresa de comunicação. No livro, o repórter pode falar do tema que desejar, sob o ângulo que achar melhor e utilizar os recursos textuais que quiser, dentre outras liberdades.

Além da revisão bibliográfica, nossa metodologia se constituiu na análise das reportagens feitas por Joel Silveira quando correspondente de guerra pelo *Diários Associados*, reunidas no livro *O inverno da guerra* (2005). Por que escolher este livro? A escolha foi baseada em dois fatores. O primeiro diz respeito, simplesmente, ao tempo que a autora deste trabalho tinha disponível para a realização do estudo. Como a obra de Silveira é muito extensa e não poderiam ser abordadas e discutidas todas as suas grandes reportagens, a idéia era que o trabalho se

aprofundasse na análise de um caso para obter tanto uma compreensão maior e mais rica do que diferencia a grande reportagem da simples notícia quanto à maneira como Joel Silveira utilizava as técnicas que possibilitam essa diferenciação. O segundo fator é a própria importância da obra. Poucas vezes vimos repórteres cobrindo guerras tão de perto como Silveira fez na série de reportagens que deram origem a *O inverno da guerra*. O caso é um belo exemplo do que pode fazer um jornalista quando se utiliza da técnica da observação participante, que também traz à tona a discussão sobre a presença do repórter como testemunha dos fatos e as influências disso na tão discutida questão da objetividade jornalística. O estudo de caso de tão importante trabalho na carreira de Joel nos permitiu não apenas observar o seu texto e o seu método, mas também compreender porque seu nome figura entre os mais importantes da imprensa brasileira.

2 AS BASES DO JORNALISMO

Todos nós precisamos de informações. Estar a par dos fatos faz com que nos sintamos mais seguros, mais confiantes. Quando a informação, por alguma obstrução qualquer, não nos alcança, ficamos ansiosos. As notícias são a matéria-prima que nos mantêm seguros da ansiedade de saber o que acontece a nossa volta. “O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer essas notícias” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 18). Mas como se apresenta hoje o jornalismo?

Nelson Traquina, em *O Estudo do Jornalismo no Século XX* (2003), ressalta a importância do jornalismo como objeto de estudo:

Ocupando um papel cada vez mais central nas sociedades cada vez mais mediatizadas, o jornalismo, bem como os jornalistas, foram cada vez mais objeto de um exame minucioso não só por parte da comunidade acadêmica, mas também por parte de diversos agentes sociais e dos próprios cidadãos. (...) a crescente importância do desempenho dos mídia e do jornalismo no tecido social e, em particular, na luta política, contribuíram para uma preocupação com o desempenho dos jornalistas. (TRAQUINA, 2003, p. 58)

Em *Os Elementos do Jornalismo* (2004), Bill Kovach e Tom Rosenstiel relatam como chegaram a nove princípios básicos que acreditam que deva nortear o jornalismo. O livro é produto da realização de 21 fóruns nos Estados Unidos, envolvendo mais de 3 mil pessoas, quando foram tomados depoimentos de 300 jornalistas. O que se queria descobrir era o que, na opinião dos profissionais, diferenciava o jornalismo das outras formas de comunicação e, se eles achavam que o jornalismo precisava mudar, que princípios básicos deveriam ser mantidos.

O resultado da investigação demonstra que, mesmo que o jornalismo passe por constantes mudanças, sua finalidade será sempre a mesma: “fornecer informação às pessoas para que estas sejam livres e capazes de se autogovernar” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 22).

À medida que ouvíamos cidadãos e jornalistas, ouvíamos que essa obrigação para com a cidadania engloba vários elementos. A imprensa nos ajuda a definir nossas comunidades, nos ajuda a criar uma linguagem e conhecimentos comuns com base na realidade. O jornalismo também ajuda a identificar os objetivos da comunidade, seus heróis e seus vilões. (...) A imprensa funciona como um guardião, tira as pessoas da letargia e oferece uma voz aos esquecidos. (...) É difícil, olhando retrospectivamente, até mesmo separar o conceito de jornalismo do conceito de criação de uma comunidade e mais tarde, da democracia. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p. 31)

Para que a finalidade do jornalismo possa ser cumprida, Kovach e Rosenstiel (2004) apontam, então, nove princípios norteadores do jornalismo. Para começar, sua primeira obrigação é com a verdade. Se é por meio das notícias que as pessoas apreendem o mundo a sua volta, nada mais natural de que esperem que a informação que recebem seja confiável. A verdade é justamente essência da notícia pela sensação de segurança que cria nas pessoas. No entanto, não devemos supor que o compromisso do jornalismo com a verdade seja meramente o compromisso com a precisão, como anotar direito nomes e datas. O leitor procura mais do que simples exatidão. É preciso, além de apurar os fatos, dar-lhes algum sentido. Em *Jornalismo e Verdade* (1994), Daniel Cornu demonstra o mesmo pensamento que os autores:

Uma notícia que não seja orientada para a verdade – nem que essa verdade seja parcial e provisória, e consciente de o ser – não será uma informação. (...) É em nome da verdade que devem ser avaliados o rigor da procura de informação, a independência dos comentários e dos julgamentos, o desprendimento dos relatos. Por outras palavras, a exigência de verdade não se aplica unicamente à ordem do sentido, como exigência de justeza, e à ordem da narrativa, como exigência de veridicidade. (CORNU, 1994, p. 394-395)

Antes de mais nada, a responsabilidade do jornalista deve ser para com o público, pelo direito que este terá de ser informado (CORNU, 1994). A constatação também é feita por Kovach e Rosenstiel (2004), que apontam como próximo elemento que a primeira lealdade do jornalismo deve ser com os cidadãos. O profissional de imprensa se diferencia dos empregados de outros ramos porque tem um compromisso com a população que deve ir além dos interesses dos donos das empresas onde trabalha. O compromisso com os cidadãos é o que garante ao público que as notícias que lhe chegam são honestas, ou seja, o jornalista procura a informação e a conta com veracidade mesmo que à custa dos interesses do próprio dono da empresa jornalística. Tal empenho é o que constrói a credibilidade de um veículo – um de seus maiores patrimônios.

A essência do jornalismo é a disciplina da verificação. Este é o terceiro elemento descoberto por Kovach e Rosenstiel (2004). Cada repórter pode ter um método muito pessoal para verificar um fato, mas é consenso entre os jornalistas e cidadãos que existe um conjunto de conceitos básicos da disciplina da verificação: nunca acrescente nada que não exista; nunca engane o público; seja o mais transparente possível sobre seus métodos e motivo; confie só no seu trabalho de reportagem; e seja humilde.

O quarto elemento é: os jornalistas devem manter independência daqueles a quem cobrem (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004). Um jornalista pode ter um ponto de vista, desde que deixe claro ao público quais são suas opiniões e preconceitos. No entanto, o profissional não deve participar dos fatos ou ser leal às fontes, como partidos políticos ou facções, por exemplo. Na busca pela verdade, a independência, e não a neutralidade, é o passo mais importante.

A constatação de que a imprensa deve exercer o papel de guardiã, vigiando um número menor de poderosos, em nome de um número bem maior que luta contra a tirania dos primeiros leva ao quinto elemento, que diz que os jornalistas devem ser como um monitor independente do poder (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004). Esse papel tem sido exercido por meio das reportagens investigativas, como a histórica de Bob Woodward e Carl Bernstein ao revelar o escândalo de Watergate, nos EUA¹.

O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público é o que afirma o sexto elemento. “As grandes empresas de comunicação de massa devem se considerar difusoras da discussão pública”, conforme escreveu a Hutchins Commission, em 1947². O jornalismo faz as pessoas pensarem a cada vez que se apresenta uma tendência em desenvolvimento ou se denuncia práticas incorretas. Quando o público começa a reagir ao que lhe é apresentado, as vozes da comunidade começam a aparecer e, a partir do momento que começam a ser ouvidas por aqueles que estão no poder, elas permitem entender a natureza da opinião pública. Tal processo é que recria, na modernidade, os fóruns das antigas democracias (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004).

O jornalista não tem como única responsabilidade fornecer informação, mas fazê-la parecer atraente, de maneira que as outras pessoas queiram ouvi-la, ou seja, o jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante, apresentado como sétimo elemento por Kovach e Rosenstiel (2004).

O próximo elemento dirá que o jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional. Usando como alusão a cartografia moderna, o jornalismo “cria mapas para que os cidadãos naveguem através da sociedade” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004,

¹ Carl Bernstein e Bob Woodward, jornalistas norte-americanos do Washington Post na década de 1970, após exaustivo trabalho de reportagem, trouxeram à tona o escândalo político de corrupção conhecido como Watergate, o que terminou por provocar a renúncia do presidente dos Estados Unidos em 1976, Richard Nixon.

² Comissão formada por 13 jornalistas, criada em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, que tinha como objetivo principal definir quais eram as funções da mídia na sociedade moderna.

p. 249), ou seja, assim como o cartógrafo tem o compromisso de desenhar mapas proporcionais, que não distorçam o espaço físico real, também o jornalismo se utiliza da proporção e da compreensão como chaves da exatidão. O público não se importa tanto com os erros do jornalista, mas com as boas intenções do jornalista. Os leitores são capazes de entender as escolhas do jornalista sobre o quê cobrir ou quanto cobrir se perceberem que elas não são fruto de exploração sensacionalista.

Considerado por Kovach e Rosenstiel (2004) o elemento principal e que amarra todos os outros, por último é dito que os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência. Todos os profissionais de jornalismo devem ter uma bússola moral, um sentido pessoal de ética e de responsabilidade.

3 REPORTAGEM: LUGAR DA NARRAÇÃO POR EXCELÊNCIA

A notícia, considerada a matéria-prima do jornalismo, é o instrumento básico para o relato jornalístico e exerce o papel de informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata e objetiva (LIMA, 1993). Sua estrutura segue as fórmulas de construção que simplificam o relato em torno dos componentes o quê, quem, quando, como, onde e por quê (LIMA, 1993, p. 23), com ordem decrescente de importância dos fatos – a chamada pirâmide invertida.

No entanto, haverá alguns temas que exigirão abordagem mais ampla do que uma simples notícia. Para atender essa necessidade, o jornalismo acabou por desenvolver, ao longo do tempo, um gênero de mensagem jornalística batizada de reportagem (LIMA, 1993, p. 24), cujo ápice seria a grande reportagem.

É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a grande reportagem, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, ao seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, como o *lead* e as pirâmides já mencionadas. (LIMA, 1993, p.24)

Sodré e Ferrari (1986) consideram a reportagem um gênero privilegiado, uma vez que aliado ao poder de denúncia que adiciona ao jornalismo desde o passado está a conquista do jornalismo moderno de usar essa capacidade de maneira sedutora. É a reportagem, para os autores (1986, p. 9), o lugar por excelência da narração jornalística. Possui, tal qual a narrativa, personagens, ação dramática e descrições de ambiente. Estará separada da literatura, no entanto, por seu compromisso com o relato não-ficcional dos fatos.

Essência do jornalismo não convencional, a reportagem tem sido modalidade jornalística atrofiada nas redações de hoje. “Sem reportagem, o jornalismo fica privado de sua paixão, e isso o faz submisso a padrões primários de captação de informação e a modelos mecanizados de narrativa textual” (MILMAN, 1998, p. 29). A imprensa brasileira, cuja propriedade é oligopolista e concentradora, provoca uma acentuada distinção entre as modalidades do noticiário, tidas como convencionais, e da reportagem, tidas como não-convencionais (MILMAN, 1998).

A reportagem como gênero jornalístico diferencial só pode ser implementada por uma metodologia que pressupõe a autonomia do jornalismo. De forma acentuada no RS da última década, essa precondição foi suprimida. Em seu lugar, implantou-se, dentro das redações, a submissão à política dos negócios amplos dos latifundiários da comunicação. O resultado social e político desta deformação é desastroso: o jornalismo foi banido da imprensa. (MILMAN, 1998, p. 30)

Entre o conjunto de normas da notícia, está que ela deve levar em conta, prioritariamente, a atualidade dos fatos, o relato estruturado de maneira objetiva, a ausência de juízos de valor e a sedução do leitor pelo texto (MILMAN, 1998). Mas “ao contrário do que os ideólogos do método conservador defendem, o ponto de partida para o jornalismo não é a imediatez do fato, mas a compreensão do fato” (MILMAN, 1998, p. 30).

Fugir dessa rotinização das notícias é tarefa difícil, acredita Milman. Superar as fórmulas do noticiário requer não apenas rever os conceitos em jornalismo como também os padrões que fizeram o jornalismo refém da metodologia noticiária e, principalmente, das rotinas e normas que servem aos interesses de grupos controladores da informação e não ao interesse social desta (MILMAN, 1998). No entanto, mesmo que falte condições estruturais para que os jornalistas implantem a idéia da reportagem, é importante a compreensão dos processos que produzem informação pela reportagem, de maneira que o exercício da profissão se torne mais reflexivo.

3.1 Uma história nem sempre ininterrupta

Foi nos anos 20, junto com o surgimento da revista semanal de informação geral como novo veículo de comunicação periódica, e do jornalismo interpretativo como nova categoria de prática da informação jornalística, que a reportagem começou a se esboçar definitivamente (LIMA, 1993). A revista norte-americana *Time* foi uma das precursoras na busca de conexões entre os acontecimentos. Tal demanda do público leitor norte-americano surgiu a partir da eclosão da Primeira Guerra Mundial, quando a imprensa se apresentava muito presa aos fatos. A partir desse modelo, surgiram outros tantos no mundo, como a *Der Spiegel*, na Alemanha, *Cambio 16*, na Espanha, *L'Express*, na França, *Veja*, no Brasil, entre outros.

No Brasil, no entanto, na virada do século XIX para o século XX, o jornalismo já abria horizontes para a reportagem, até mesmo em forma de livro. Ainda bastante atrelado ao sonho

literário, mas já no caminho da reportagem, encontra-se *Os Sertões* (1902), relato em profundidade da guerra de Canudos feito por Euclides da Cunha. Enviado especial pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para cobrir o conflito, as crônicas que ele encaminhou ao periódico, em 1897, deram origem ao livro. O que diferenciou Euclides dos demais correspondentes foi sua incrível habilidade em situar um evento no contexto que o cerca.

O texto de *Os Sertões*, originalmente escrito como um texto para jornal, é também um trabalho jornalístico primoroso. Embora tenha se transformado num dos marcos da literatura brasileira, encontra-se nos limites de uma grande reportagem. Diferentemente da cobertura do mesmo episódio feito por outros jornais da época, o escritor soube inter-relacionar a existência do arraial de Antonio Conselheiro e a natureza do sertão da Bahia, o comportamento sertanejo e até mesmo a conjuntura internacional que poderia ser associada ao conflito. Tornou-se o relato profundo da realidade de um Brasil ignorado. (CADERNOS DE COMUNICAÇÃO, 2003, p. 34)

Poucos anos depois, surge outro nome de destaque na história da reportagem brasileira, mas, dessa vez, o cenário não é mais o sertão nordestino e, sim, o espaço urbano. João Paulo Alberto Coelho Barreto, que também assinava Paulo Barreto, mas mais conhecido pelo pseudônimo de João do Rio, publicou uma série de reportagens na *Gazeta de Notícias* que retratavam as transformações pelas quais passava a cidade do Rio de Janeiro entre 1900 e 1920.

Foram a observação detalhada da realidade, a coleta de informações por meio de entrevistas, a descrição de ambientes e a superação do tempo imediato em um tempo que pudesse anunciar o futuro as grandes marcas do pioneirismo de João do Rio. As características de sua técnica eram apenas as sementes daquilo que viria a compor a base do jornalismo interpretativo, como humanização do relato, busca de antecedentes e contextualização. Lima (1993) diz que não é possível apontar uma linha evolutiva entre o que João do Rio praticava e o jornalismo interpretativo dos anos 60, mas o precedente, inegavelmente, estava aberto.

A evolução da reportagem, então, estancou por certo tempo. Depois das contribuições de Euclides da Cunha e João do Rio, apenas no pós-Segunda Guerra, no período 1966-1968, que o jornalismo passará por uma renovação em termos de reportagem. Embora o vazio ainda não tenha sido investigado, Lima (1993) lança a hipótese de que o sucesso literário da geração de 30, fortemente baseado no realismo social, tenha inibido as condições de evolução da reportagem. Seria exatamente o contrário do que ocorreu nos anos 60, nos Estados Unidos, quando a ausência de escritores que retratassem a revolução de costumes pelas quais o país passava fez justamente os jornalistas assumirem a posição que os homens de letras renegaram (ver seção 3.2).

Outra hipótese, agregada à anterior, seria a inibição por parte da censura aplicada pela ditadura do Estado Novo (LIMA, 1993). Com a queda dele, depois da guerra, a imprensa cresceu técnica e industrialmente. Em função disso, a revista *Cruzeiro*, fundada em 1928, avança incrivelmente nos anos 50 e início dos 60.

A Revolução de 64 e o período da ditadura militar não conseguiram conter o momento de efervescência cultural e é justamente nesse momento que surge uma das experiências mais significativas na história da reportagem brasileira: a revista *Realidade*. Lançada em 1966 pela Editora Abril, a publicação tinha tiragem mensal, o que permitia ao repórter maior dedicação às pautas e ao texto. Alguns fatores fizeram a revista entrar para a história da reportagem no Brasil: universalidade temática ampliada, sem nenhum preconceito na escolha das pautas; transformação da atualidade em contemporaneidade, ou seja, a revista não se prende ao factual, mas seus textos tratam do contexto em que os fatos se dão; avanço em documentação, com edições sustentadas por enquetes, perfis, matérias, entrevistas e depoimentos; captação cálida do real, com o mergulho do repórter no universo que irá retratar; texto literário, que se diferenciava daqueles vistos nos jornais e demais revistas pela experimentação; e riqueza ilustrativa, com a estréia dos ensaios fotográficos (LIMA, 1993).

Ao olharmos do presente para a época em que a revista circulou, obviamente iremos encontrar espaços e lacunas não preenchidos por *Realidade*. De qualquer maneira, é preciso que olhemos para a experiência da revista tomando como referência as condições do momento em que circulou. Será nesse sentido que a revista pode ser vista com mérito e de grande valor histórico para o jornalismo (LIMA, 1993).

Embora tenha aprofundado as práticas da reportagem, a revista não tinha as mesmas condições necessárias para ocupar o mesmo espaço jornalístico que o livro-reportagem. Entretanto, dava aos seus repórteres o domínio instrumental para irem mais adiante, como as revistas *Esquire* e *The New Yorker* também favoreceram produções na forma de livro. Um dos exemplos mais famosos é o livro *A Sangue frio* (1966), de Truman Capote. A história dos homens que mataram uma rica família rural no Kansas, nos EUA, foi publicada em capítulos na *The New Yorker* em 1965.

Outro importante veículo surgido na mesma época de *Realidade*, em 1966, foi o *Jornal da Tarde*, que se propunha a cobrir a cidade de São Paulo. A experiência ficou conhecida principalmente por duas tendências: a criatividade do texto literário e a busca da interpretação. O

jornal também contribuiu para a produção de livros-reportagem, em autores como Marcos Faerman e Demócrito Moura, ambos funcionários do periódico.

3.2 *New journalism*: um capítulo importante na história da reportagem

A década de 60 foi conturbada para a sociedade norte-americana. Anos de grande efervescência cultural da contracultura e de muitas transformações sociais e comportamentais. Os acontecimentos políticos como o assassinato de John Kennedy, a cultura das drogas, o movimento hippie e a revolução sexual eram componentes do sistema de forças que entrou em confrontação direta com os valores que tinham transformado os Estados Unidos em uma grande nação. Tanto a cidade de Nova York quanto a Califórnia pareciam um caldeirão que possuía todos esses ingredientes para experiências que rompessem com o que representasse o *establishment* norte-americano.

O romance de ficção, orgulho da criação literária nos Estados Unidos entre as décadas de 40 e 60, não tomou consciência da riqueza desses assuntos à sua volta.

... por volta dos anos 60, quando cheguei a Nova York, os romancistas mais sérios, ambiciosos e supostamente talentosos haviam abandonado o terreno mais rico do romance: especificamente a sociedade, o *tableau* social, os costumes e a moral (...) Não existe romancista que possa ser lembrado como o autor que captou os anos 60 na América, ou mesmo em Nova York, no sentido em que Thackeray foi o cronista de Londres dos anos 1840 e Balzac foi o cronista de Paris e de toda a França depois da queda do Império. (WOLFE, 2005, p. 50)

O lado da vida americana que aflorou com a ascensão americana do pós-guerra foi ignorado pelas letras americanas. A idéia de retratar a vida nas grandes cidades aborrecia e aterrorizava os escritores. Deixando todo esse farto material a cargo dos jornalistas, a falha dos romancistas foi apenas um empurrão para o nascimento do *new journalism* nos Estados Unidos. O estilo marcou época, caracterizado pela produção de reportagens de profundidade, com intenso mergulho do repórter na realidade. A novidade se confrontava diretamente com a maneira tradicional de fazer jornalismo, ou seja, captação, apuração e expressão da realidade alicerçadas em regras bem demarcadas, que estipulavam o enquadramento do relato nos elementos básicos e universais do *lead*. Também não era muito aceitável o envolvimento do repórter e não havia espaço para experimentações de estilo (CADERNOS DA COMUNICAÇÃO, 2003).

3.2.1 O sonho de escrever romance

Wolfe (2005) relata que nos anos 40, 50 e até começo dos 60, a idéia de escrever um romance era como uma febre. Naquele momento, existiam nos veículos impressos duas categorias de jornalistas: aqueles que se preocupavam com a função principal do jornal – competições pelo furo jornalístico – e aqueles que achavam que aquela era apenas uma passagem em suas vidas para o triunfo final, ou seja, estavam apenas acumulando experiência para um dia dizer adeus ao jornalismo e dedicarem-se ao romance. Como esse triunfo ainda estava distante, os sonhadores repórteres, nesse meio tempo, lutavam pelo lugar de “melhor escritor de reportagens especiais da cidade”. Nelas, o jornalista tinha mais espaço para escrever. A reportagem era o termo utilizado para diferenciar os textos que não se encaixavam na classificação de notícia e que tratavam de temas de interesse humano. O gênero era tido como algo menor dentro da redação, feito por jornalistas de segundo escalão.

3.2.2 O atalho descoberto pelos jornalistas de 60

Alguns conseguiram virar escritores, já outros repórteres – como o próprio Wolfe, Gay Talese, Truman Capote, Norman Mailer, Hunter Thompson – continuaram escrevendo reportagens especiais até descobrirem que era possível escrever jornalismo para ser lido como romance. Textos desse tipo começaram a circular em revistas setORIZADAS. Um exemplo é a matéria *Joe Louis, o rei na meia idade*, de Gay Talese, publicada em 1962. O texto era muito parecido com o tom e o clima de um conto, afirma Wolfe (2005). Reportagens como essa causaram espanto e críticas. Os novos jornalistas chegaram a ser acusados de inventar cenas e diálogos, tentando fazer com que o público acreditasse que fossem reais. E entre os críticos estavam tanto os escritores amedrontados em perder o posto de detentores do romance quanto jornalistas defensores do texto exclusivamente seco, enxuto e direto.

Nos jornais, alguns colunistas, como Jimmy Breslin, do *Herald Tribune*, saíam das redações para vivenciar os acontecimentos de que escreveriam. Seus artigos eram sobre fatos reais e atuais, mas cheio de detalhes que oportunizavam aos seus leitores compreender a cena, os personagens, os conflitos. Eram as técnicas narrativas da novela sendo exploradas pelos repórteres.

3.2.3 Os recursos

A vantagem sobre os escritores de romance de ficção, segundo Wolfe (2005), fortaleceu-se quando os romancistas abandonaram o realismo social e, junto com ela, algumas questões técnicas vitais. Aos poucos, os jornalistas de 60 foram descobrindo as técnicas de Balzac, Smollet, Fielding, Dickens e Gogol. Foram esses recursos que outrora deram tamanho poder aos romancistas. E também não demorou para que repórteres descobrissem que esse poder extraordinário provinha, basicamente, de quatro recursos.

O primeiro seria a construção cena a cena, recorrendo o mínimo possível para a narração histórica (WOLFE, 2005). Depois, viria o uso de diálogos completos, os quais teriam mais força para atrair o leitor e caracterizar uma personagem. A terceira técnica é o ponto de vista em terceira pessoa, que permite que o leitor enxergue a situação pelos olhos da personagem, de maneira que ele tenha a sensação de que está em sua cabeça. O quarto procedimento é a rica descrição de detalhes, que seriam simbólicos do *status* de vida das personagens, ajudando a compreender como expressam suas posições no mundo.

O novo estilo, então, deixava para trás dogmas do jornalismo tradicional, como neutralidade, distanciamento do repórter e narrativa sempre em terceira pessoa, para dar lugar a um jornalismo de autor (CADERNOS DA COMUNICAÇÃO, 2003). O repórter passou a ter liberdade de participar dos acontecimentos, registrando detalhes como vestuário, hábitos, gestos.

A partir desse contexto que surge a forma híbrida de construção de texto que caracteriza o novo jornalismo: o uso de técnicas narrativas da novela com o relato apurado pela observação jornalística.

3.2.4 Nem tão novo assim

Esse estilo, que surgiu na década de 60 e que ficou conhecido como *new journalism*, não era, no entanto, tão novo assim. Antes disso, outros repórteres já tinham lançado mão de recursos que aproximaram seus textos da literatura. A tradição ficou conhecida como jornalismo literário. As reportagens de Charles Dickens para o jornal inglês *Morning Chronicle*, em 1835, ou de Ernest Hemingway para o *Kansas City Star* são alguns exemplos. No Brasil, um dos mais destacados exemplos, como já afirmado antes, foi a série de reportagens que Euclides da Cunha

fez para o jornal *Estado de S. Paulo* como enviado especial para cobrir a guerra de Canudos.

O jornalismo literário já tinha seu espaço quando surgiram os novos jornalistas. O que eles fizeram foi aperfeiçoar as técnicas e introduzir pelo menos duas novas (CADERNOS DA COMUNICAÇÃO, 2003). Tom Wolfe inovou com a técnica do fluxo de consciência e Norman Mailer, com a do ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa.

O novo jornalismo era, portanto, uma versão renovadora do jornalismo literário. O fenômeno não é apenas norte-americano. Na década de 50, por exemplo, temos o colombiano Gabriel García Márquez, com seu *Relato de um Naufrágo*. Na Espanha, também aparecem nomes como Rosa Montero, Vázquez Montalbán, Franciso Umbral, Manuel Vicent e Maruja Torres. Nos anos 60 e 70, no Brasil, tivemos a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*.

3.3 Reportagem e notícia: as divergências

Vimos que a reportagem não surgiu junto com o jornalismo. Como gênero jornalístico, o que a diferencia, então, da notícia? Lage (1993) revela alguns pontos divergentes. O primeiro dos aspectos que diferenciam reportagem de notícia é que a primeira não tratará da cobertura de fatos, mas de assuntos sob determinados ângulos. Na prática, o autor acredita que os gêneros também diferem em planejamento. A notícia parte de pautas que indicam fatos programados, de sua continuação e daquilo que se espera em que se desdobrem. Para a reportagem, a matéria-prima, ou seja, os assuntos, estão sempre à disposição para serem abordados, podendo ou não serem atualizados por um acontecimento. O estilo também será diferente entre os gêneros. A reportagem será sempre menos rígida, em termos de padronização, dependendo do veículo, público ou assunto, sem a necessidade de começar pela ordem decrescente de importância, como nas notícias.

Já para Sodré e Ferrari (1986), as principais características de uma reportagem são a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados. Dependendo do assunto de que se trata a reportagem, pode predominar uma ou outra característica, mas, para ser reportagem, a narrativa deve sempre estar presente. Presente em contos, romances ou até mesmo em poemas, a narrativa também pode aparecer em relatos não-ficcionais. Entende-se por narrativa, segundo os autores, “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado

em um espaço determinado” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11).

Quanto às fontes, nas grandes reportagens, principalmente naquelas em forma de livro, a liberdade para o uso delas é irrestrita. O autor não precisa se prender a fontes legitimadas, podendo fazer uso das mais variadas vozes, desde pessoas anônimas a personalidades renomadas.

As fronteiras entre notícia e reportagem, no entanto, nem sempre são tão bem definidas, ainda mais quando as notícias trazem a informação bem contextualizada (SODRÉ; FERRARI, 1986). Em uma notícia, um fato pode ser anunciado (simples registro), enunciado (relato narrativo, apoiado na ação e no detalhamento), pronunciado (quando o autor demonstra, ainda que sutilmente, um posicionamento diante do ocorrido), ou denunciado (quando o autor se posiciona de forma contundente a favor ou contra algo). Tais modalidades de discurso também podem ser percebidas na reportagem.

Já no âmbito da produção, podem ser considerados gêneros de reportagem as do tipo investigação, em que, para traçar o perfil de uma situação, o repórter levantará os acontecimentos ocultos por detrás de um fato; do tipo interpretação, quando os fatos são analisados “pela perspectiva metodológica de dada ciência” (LAGE, 2001b, p. 116); e as do novo jornalismo, que buscam aplicar técnicas literárias na construção da narrativa de episódios e situações para desvendar o fato.

3.3.1 A sofisticação pelo texto

Quase todas as grandes redações de jornais têm um manual de redação próprio. O fato é apenas um reflexo da necessidade que as empresas têm de padronizar o texto das notícias, de maneira que seu material possa ser de imediato consumo. Para isso, “as variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura” (LAGE, 1993, p. 35).

A linguagem jornalística tem como restrição fundamental ser basicamente constituída de palavras que sejam possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal. A condição é resultante da necessidade de conciliar a eficiência da linguagem coloquial com a aceitação social da formal (LAGE, 1993). Em função disso, a linguagem jornalística poderá incorporar neologismos, denominações de objetos novos, metáforas, designações técnicas etc.

Por ser a linguagem jornalística referencial, falando sempre de algo exterior aos emissores e receptores, o uso da terceira pessoa, em modo dramático, será quase regra (ver 3.3.1.1). Adjetivos

testemunhais e aferições subjetivas também normalmente não são aceitáveis, uma vez que o emissor tem que transmitir a mensagem a um público indeterminado.

Comerciante próspero, bela mulher, grande salário, edifício alto, episódio chocante são exemplos de locuções nas quais o sentido de próspero, bela, grande, alto ou chocante depende, essencialmente, dos valores, padrões e sensibilidade de quem fala. Em texto não assinado ou cuja assinatura pouco representa para o leitor ou ouvinte, a significação destas palavras torna-se obscura. A norma é substituir tais expressões por dados que permitam ao leitor ou ouvinte fazer sua própria avaliação. (LAGE, 1993, p. 40)

No contexto do que Marcondes Filho (1993) chama de imaterialidade jornalística – “novo caráter do jornalismo numa sociedade que se torna cada vez mais permeada por sofisticados sistemas de comunicação e tecnologias de informação” (p. 96) – os textos serão sempre fragmentados, “fornecidos a conta-gotas nas páginas do jornal”. Até mesmo as notícias mais longas não conseguem se impor a esse caráter de fragmentação. Isso é fácil de verificar em qualquer jornal que abrimos hoje. As notícias de mais fôlego nunca são apenas de texto, mas quase sempre fragmentadas em blocos de informações. O autor também percebe uma redução da complexidade lingüística, graças aos códigos próprios que as empresas impõem, oferecidos em seus manuais.

O texto da reportagem é menos rígido do que o da notícia. Lage (1993) explica que nela não existe a exigência da pirâmide invertida:

Podem-se dispor as informações por ordem decrescente de importância, mas também narrar a história, como um conto ou fragmento de romance. (...) em certos casos, admite-se que o repórter conte o que viu na primeira pessoa. A linguagem também é mais livre: os novos jornalistas americanos (Breslin, Mailer, Capote) chegam a adotar técnicas literárias para abordagem mais humana e reveladora da realidade. (LAGE, 1993, p. 47-48)

Em *O texto da reportagem impressa*, Oswaldo Coimbra (1993) sistematiza conhecimentos produzidos por diversos autores e chega a três tipos de modelos de estrutura do texto da reportagem existentes, ou seja, estuda a maneira como seus elementos internos estão organizados. Seriam eles: a reportagem dissertativa ou argumentativa, que terá como duplo propósito expor e informar sobre um determinado assunto ao mesmo tempo em que tenta convencer, persuadir ou influenciar o leitor; a reportagem narrativa, que não estará apoiada em um raciocínio exposto,

mas, como o próprio nome já sugere, narra os fatos de maneira a recriar a realidade para os leitores, dentro de uma relação de anterioridade e posterioridade; e a reportagem descritiva, que detalha e pormenoriza momentos ou pessoas.

Mas as estruturas não são como fronteiras. Uma única reportagem pode apresentar os três tipos de estrutura de texto apresentados por Coimbra (1993). A série de reportagens de Joel Silveira, em *O inverno da guerra*, apesar de basicamente apresentar a estrutura narrativa, mostra também algumas características dos outros dois modelos citados por Coimbra.

3.3.1.1 O repórter-narrador

Quando Coimbra fala de reportagem narrativa, estrutura de texto preponderante em *O inverno da guerra*, ele faz algumas importantes ponderações sobre a presença do narrador, que Lígia Leite (apud COIMBRA, 1993) chama de foco narrativo. Este poderá ser tanto em primeira pessoa quanto em terceira. E dentro dessas possibilidades, haverá ainda outras alternativas. Poderá ser narrador testemunha (1ª pessoa), como personagem atuante ou como personagem secundária. Quando secundária, apresentará um ângulo de visão limitado, pois utilizará apenas as informações que colheu. Quando for narrador protagonista (1ª pessoa), carregará o texto de suas percepções, pensamentos e sentimentos, podendo ser fruto de depoimentos de entrevistados em que o texto é escrito como se fosse deles ou do repórter posicionado no centro do acontecimento. Como narrador onisciente (3ª pessoa), estará presente nos textos apresentando um modo de narrar que dará a sensação de que o narrador tudo vê. A adoção desse narrador é problemática em jornalismo, segundo Coimbra, porque fala do que se passa no interior da mente dos personagens. O problema está em como o jornalista poderia saber o que se passa na mente do narrador. Tom Wolfe (2005) diz que isso seria possível graças à imersão do repórter naquilo que quer retratar, colhendo material pelas cenas que presencia e que lhe permitem caracterizar seus personagens. Por último, temos o narrador mais utilizado na prática jornalística: o modo dramático (3ª pessoa), em que ele se limitará apenas a informar o que falam e fazem as personagens.

3.3.2 De onde surge a reportagem: o repórter e o *insight*

Uma notícia pode servir de gancho para a produção de uma reportagem. Por exemplo: a morte de bebês em uma maternidade pública pode motivar uma reportagem sobre a situação das maternidades em uma cidade ou Estado. Mas a reportagem não precisa do gancho de uma notícia para existir. É possível fazer uma reportagem sobre a prostituição infantil em Porto Alegre sem precisar que algum caso ou local de exploração tenha sido descoberto.

Uma das principais fontes de assunto para a reportagem é o próprio repórter. Para Lage (2001a), este tem uma delegação tácita que o permite ser olhos e ouvidos do público. Ele chama essa função de agente inteligente. A natureza humana e inteligente desse agente se manifesta em especial por um traço: o *insight*.

Nem todo fenômeno se baseia em experiências objetivas que nos permitam partir de hipóteses para entender a realidade, como deixar um pedaço de ferro várias vezes na chuva e perceber que ele sempre enferrujará. Existem fenômenos de maior complexidade em que entrará em jogo a imaginação e a capacidade de colher indícios e circunstâncias da realidade para a formulação de hipóteses. Essa capacidade de apreender o conjunto de indicadores difusos da realidade ressalta “a importância do ambiente para a construção de uma narrativa capaz de significar” (LAGE, 2001a, p.27). O que o autor quer dizer é que, por exemplo, um repórter pautado para fazer matéria sobre um conflito o fará melhor se estiver presente no local dos fatos do que se tivesse de fazê-lo de uma redação, mesmo que nela tivesse acesso a tudo o que precisasse, como testemunhos, relatórios, enciclopédias.

O emissário no local do conflito ordena melhor as informações, tem maior noção do que é ou não relevante, porque sente o clima do que acontece: está diante de pessoas reais, com representações variadas e peculiares dos acontecimentos, percebe como essas pessoas – militares, civis, revoltosos – reagem, o quanto estão envolvidas na luta e o que cada episódio significa no contexto. (LAGE, 2001a, p. 27).

No Brasil, foi João do Rio quem tirou o jornalista da redação para o colocar na rua, criando o repórter brasileiro (BULHÕES, 2006). A riqueza do material produzido por ele, como *As religiões do Rio* (1904) e *A alma encantadora das ruas* (1908), entre outras séries de reportagens, deve-se muito ao comportamento do repórter-*flâneur*. João do Rio mesmo afirma que aquilo que encontrava nas ruas dependia desse comportamento:

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flanar. (RIO, p.2)

E também é o próprio João do Rio que explica o que significa flanar:

Flanar! Aí está um verbo universal sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, (...) É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. (...) Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no *Homem da Multidões*, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. É uma espécie de secreta à maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionais. (RIO, p. 2-3)

A pauta era recurso desconhecido do jornalismo brasileiro do início do século 20. É essa indeterminação do momento, época de ajustes e adaptações da profissão, que faz de João do Rio um “repórter aberto ao acaso, lançado à indeterminação da vida; e sua reportagem é a demonstração de curiosidade e fascínio diante dessa indeterminação” (BULHÕES, 2006, p. 63).

Gay Talese, nome importante do *new journalism* norte-americano, escreveu boas histórias sobre as pessoas anônimas de Nova York, sobre fatos estranhos e acontecimentos bizarros, todos encontrados durante suas andanças pela cidade. Este ensaio, publicado originalmente na revista *Esquire*, deu origem ao livro *Nova York – A jornada de um serendipitoso* (1961), que mais tarde se tornou a primeira parte de *Fama e anonimato* (2004), também de Talese. O que ele queria dizer com a expressão serendipitoso? Serendípite é um termo utilizado muitas vezes no meio científico e acadêmico. Encontrar algo que não se procura é serendípite (LACAZ-RUIZ, 1998). Temos muitos exemplos nas ciências de casos de serendipidade. Alexander Fleming, por exemplo, descobriu a penicilina enquanto pesquisava outro objeto. Mas a sorte somente atinge as mentes preparadas, diz um axioma da ciência (LACAZ-RUIZ, 1998). No que isso se aplica ao caso de Talese e do jornalismo? Ele, na sua jornada de jornalista, quando saía à procura de alguma história, estava sempre com os sentidos aguçados para encontrar o inesperado. E foi assim que escreveu as boas reportagens de *Nova York – A jornada de um serendipitoso*. O

serendipitoso de Gay Talese está muito próximo do repórter-*flâneur*, de João do Rio.

Esses dois comportamentos estão inseridos dentro do método chamado de observação participante, quando o jornalista se faz presente no contexto que investiga, entrando em contato direto com as pessoas e situações sujeitas a sua curiosidade. Esse tipo de técnica teve seu ápice no livro-reportagem, na forma inovadora do *new journalism*. Segundo Tom Wolfe (apud LIMA, 1993), não havia como retratar a realidade daquela efervescente sociedade dos Estados Unidos nos anos 60 sem mergulhar de cabeça nela, vivendo as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente dos personagens. Da safra de jornalistas da época de Tom Wolfe, um dos casos mais conhecidos foi o de Hunter Thompson, que, como repórter, integrou durante 18 meses a turma dos Hell's Angels. A aventura lhe rendeu uma surra que quase o matou. O desfecho é justamente o que fecha a reportagem, no livro *Hell's Angels: the strange and terrible saga of the outlaw motorcycle gang* (1967).

O processo de captação do *new journalism* foi, conforme Wolfe (apud LIMA, 1993), o responsável por ter levado a observação participante ao ápice nessa vertente, porque conseguiu atingir o nível do que faziam escritores como Dickens, Balzac, Gogol, Dostoievsky. Eles registravam todos os pequenos detalhes de um lugar, de um personagem, de uma situação.

O repórter poderá omitir a sua condição de repórter ou identidade, ou assumir-se como jornalista, participando da rotina que investigará. Um exemplo do primeiro caso é o livro-reportagem *Fábrica de mentiras* (1982), de Gunter Wallraff. Nele, o jornalista se disfarça para ser contratado pelo jornal alemão *Bild*, com o objetivo de mostrar como o periódico inventa os fatos. Encaixa-se como exemplo do segundo caso a já citada reportagem de Hunter Thompson.

A observação participante, por ser um método que envolve o repórter na observação de locais, pessoas, situações, fazendo com que ele participe desse cotidiano, suscita o debate sobre a objetividade-subjetividade no jornalismo, questão que abordaremos no próximo tópico.

3.3.3 Subjetividade: o repórter como agente interpretativo

Falar das possibilidades da grande reportagem é falar também das questões da objetividade e da subjetividade, pois nela o autor irá participar mais pessoalmente, deixando um pouco da sua visão de mundo.

O jornalismo não é uma prática de mera reprodução da realidade. A ação praticada pelo

jornalista é, desde o princípio, carregada de uma intenção. Mesmo que inconscientemente, o repórter não conseguirá abstrair seus valores culturais quando está diante de um acontecimento, ou seja, não conseguirá apagar por completo sua subjetividade. No entanto, alguns manuais de redação e editores ainda recomendam aos repórteres: “sejam objetivos”.

O conceito de objetividade jornalística surgiu do século 19 para o século 20, segundo Kovach e Rosenstiel (2004), nos Estados Unidos, baseado na idéia de que os jornalistas exerciam seu trabalho levando consigo uma bagagem de preconceitos. A objetividade surgiu, então, pela busca de um método consistente de testar a informação e de livrar o trabalho jornalístico do sensacionalismo e das marcas desses preconceitos. No ano de 1919, Walter Lippmann e Charles Merz escreveram um relato contundente de como algumas observações distorceram a cobertura da Revolução Russa pelo *New York Times*. A partir daí, Lippmann e outros passaram a estudar maneiras de livrar o jornalista de seus preconceitos. Somente o espírito científico, acreditavam eles, seria capaz de solucionar o problema. O que eles queriam dizer era que o jornalismo precisava aspirar a um método. Para isso, as escolas jornalísticas deveriam se voltar ao estudo da prova e da verificação.

Mas se a objetividade surgiu como procura pelo método de verificação da validade da verdade, convém ser discutido, ainda que brevemente, em que consiste a verdade jornalística – aquela relativa à informação, normalmente estabelecida por documentos, testemunhos ou observação. Daniel Cornu diz que “uma informação não é mais que isso mesmo. Não é a verdade. Uma informação reflete unicamente um aspecto, um fragmento da realidade” (1994, p. 328).

Quando tratamos de informação, da atividade de informar, não podemos nos esquecer que a discussão sobre a verdade não será apenas limitada à veracidade dos fatos relatados, como explica Cornu:

A discussão sobre a verdade não pode, contudo, deixar de ter em conta a interpretação desses fatos, segundo os seus diversos níveis, e, por conseguinte, a justeza dos julgamentos que sobre eles se façam. Já não pode abstrair-se da intervenção dos próprios jornalistas na sua subjetividade, como observadores, seletores e, mais particularmente, narradores dos fatos. (CORNU, 1994, p. 329)

Pensar a verdade jornalística é também pensar a relação entre as três ordens de informação citadas por Cornu, que seriam: a observação dos fatos, a sua interpretação e a sua narração na forma de relatos. Também não existe abordagem da verdade jornalística sem implicar a

intervenção do jornalista como sujeito. Assim como em História, a informação jornalística deve passar pela reconstrução que situe os fatos, pela descrição de seu encadeamento, pela procura de suas causas e pela apresentação em sua coerência, feita pelo jornalista como intérprete da realidade. Sem isso, será fruto apenas de uma observação passiva, que revelará apenas um fragmento da realidade.

A diversidade de interpretações do jornalista já começa na primeira leitura da atualidade, quando ele tem de recolher, pela observação desta, aquilo que distingue como mais importante. “Não é o acontecimento que, em si mesmo, se impõe como notável. É o tipo de interpretação que permite distingui-lo como tal” (CORNU, 1994, p. 333-334).

A questão da objetividade é tida hoje como mito na imprensa justamente por isso. Os profissionais sabem que não é possível se libertar de todos seus valores na busca da retratação da realidade. Na prática do noticiário, todos procuram, no entanto, tê-la como um ideal, ou seja, buscam chegar o mais próximo possível da objetividade. Na prática da reportagem, essa preocupação é menor, como veremos em O inverno da guerra, quando o repórter demonstra seus sentimentos, anseios e percepções de mundo.

4 LIVRO: O VÔO LIVRE DA REPORTAGEM

O desenvolvimento do feitiço industrializado da produção jornalística nas grandes empresas obteve como resultado cada vez menos espaço para as grandes matérias. Tanto pela necessidade de cobrir o maior número possível de fatos quanto pelo espaço que as empresas se interessam em reservar para conteúdo comercial. Conforme os assuntos importantes não ganhem espaço nos veículos jornalísticos e jornalistas inquietos sentem-se tolhidos em seu potencial, o livro-reportagem surge como alternativa natural para a elaboração da grande reportagem (LIMA, 1998). É por meio dele que assuntos superficialmente tratados pela imprensa ou simplesmente ignorados por ela podem ganhar contextualização. Também adquire a função de renovar a prática jornalística ao se utilizar de técnicas de outras áreas para sua composição. Podemos citar, dentre elas, a literatura e a história.

A reportagem em livro rompe com diversos preceitos antigos que estão na base do jornalismo, mas os dois grandes primeiros rompimentos são com a atualidade e a periodicidade. O tempo é fator determinante para a circulação de uma notícia. “O fato deve ser recente, e o anúncio do fato, imediato” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18). A questão é uma das principais a diferenciar a notícia de outras formas de informação, como a reportagem, por exemplo. Esta pode tratar de um tema atual, mas não precisa ser imediata como a notícia.

Um fato recente (a morte de uma personalidade, um casamento célebre etc.), um assunto polêmico (discos voadores, cura do câncer, homossexualismo) ou perfis de pessoas em destaque – todos poderão ser temas de reportagens, mas só no primeiro caso haverá exigências mais severas quanto à atualidade. (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 18)

Quanto à periodicidade, é fácil concluir sobre o rompimento. Nos veículos impressos como jornais e revistas, o material tem data e intervalos periódicos para ser publicado. O livro-reportagem foge disso justamente porque não precisa ter data definida para publicação como muito menos seu autor precisa publicar algo novamente em um prazo determinado de tempo. A repetição regular no tempo é baseada, nas redações, em fórmulas que buscam a simplificação para poupar tempo.

O livro-reportagem incorpora características típicas do jornalismo, mas, por sua condição experimental, também introduz outras. Quanto a outros tipos de livros, reunirá três condições

essenciais que o distinguirão (LIMA, 1993). Uma delas será quanto ao conteúdo. Neste veículo, o objeto de abordagem corresponde ao real, ao factual. São fundamentais a verossimilhança e a veracidade.

No que diz respeito ao tratamento, pela linguagem, a montagem e a edição do texto, o livro-reportagem apresenta o traço fundamental da mensagem jornalística, que é comunicar com eficiência. Para tanto, existe, para além da preocupação com o texto, a necessidade de cuidar dos aspectos plásticos do livro, como a diagramação, suas ilustrações etc.

Quanto à função que possa vir a exercer, o livro-reportagem vai desde a informação simples até a busca da profundidade dos temas contemporâneos, de maneira que seja capaz de situar o leitor diante das facetas da realidade.

Lima (1993) elaborou uma proposta de classificação para os tipos de livro-reportagem. Seriam eles:

a) Livro-reportagem-perfil: o autor retrata a vida de uma personalidade famosa ou de uma personagem anônima, que, por suas características e circunstâncias de vida, representa um determinado grupo da sociedade. Dentro dessa categoria estão os livros-reportagem-biografias.

b) Livro-reportagem-depoimento: obra que trata de algum acontecimento relevante que foi presenciado ou testemunhado por alguém. A própria testemunha pode escrevê-lo como um jornalista pode compilar o material e escrever o texto.

c) Livro-reportagem-retrato: lembra o livro-perfil, com a diferença de que seu foco não é uma figura humana, mas uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento de atividade econômica, procurando elucidar sua complexidade.

d) Livro-reportagem-ciência: ao abordar um determinado tema específico, este livro busca a divulgação científica.

e) Livro-reportagem-ambiente: divulgação de causas ambientalistas e ecológicas, por meio de uma postura combativa ou crítica. Também pode trabalhar em busca da conscientização do leitor pela harmonia das relações homem-natureza.

f) Livro-reportagem-história: busca temas do passado que normalmente tenham algum elemento que os conecte com o presente. Dentro dessa classificação podem surgir as variantes livro-reportagem sobre história empresarial, com temas que envolvam mundo dos negócios, grandes grupos ou atividades produtivas, e livro-reportagem-epopéia, que tratará de episódios históricos marcantes.

g) Livro-reportagem-nova consciência: correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas ou religiosas podem ser os temas desse livro.

h) Livro-reportagem-instantâneo: quando o autor se debruça sobre um fato recém ocorrido e, embora se atenha ao fato em si, nuclear, busca aprofundar em alguns desdobramentos no futuro, uma vez que os contornos finais já podem ser identificados.

i) Livro-reportagem-atualidade: semelhante à categoria anterior, tendo como diferença o fato de os desdobramentos no futuro ainda não estarem definidos.

l) Livro-reportagem-antologia: serve ao propósito de reunir, sobre critérios diversos, reportagens já publicadas na imprensa periódica. Podem ser diferentes temas de um mesmo autor ou vice-versa.

m) Livro-reportagem-denúncia: normalmente trata de escândalos, denunciando injustiças, abusos dos governos e de entidades públicas ou privadas.

n) Livro-reportagem-ensaio: o autor demonstra sua posição e suas opiniões sobre determinado tema, o que faz parecer com a forma de um ensaio. Comum a presença do foco narrativo em primeira pessoa.

o) Livro-reportagem-viagem: por meio do relato de viagem a alguma região geográfica, o autor busca retratar os diversos aspectos de uma realidade local (sociológico, histórico, humano etc.)

Muitas vezes um livro poderá se encaixar ao mesmo tempo em mais de uma dessas categorias. Ou, ainda, de acordo com o vínculo com o jornalismo cotidiano, pode ser dividido entre os livros-reportagem que se originam de material feito para uma série de reportagens veiculada na imprensa diária, como é o caso de *O inverno da guerra*, livro de Joel Silveira que será analisado neste trabalho, ou aqueles que, desde o princípio, são elaborados para um projeto de livro. Outra classificação possível será quanto ao vínculo menor ou maior com a atualidade (LIMA, 1993). No primeiro caso, poderá se aproveitar de um fato recente para explorá-lo mais a fundo e, no segundo, poderá buscar temas do passado para explicar a contemporaneidade.

4.1 Como se dá a extensão

A produção da grande reportagem – matéria-prima do livro-reportagem – precisa passar por algumas etapas, que seriam: pauta, captação, redação e edição. A pauta, neste veículo, é mais

solta e abrangente. Ele mantém as características que fazem dele um produto jornalístico ao mesmo tempo que explora e avança na função comunicativa do jornalismo. Isso se dá por meio de liberdades que possui que não são vistas na imprensa (LIMA, 1998).

A primeira delas é a liberdade temática. O livro reportagem pode tratar de qualquer assunto de interesse, principalmente aqueles que não têm espaço na mídia periódica. A segunda é a liberdade de angulação, pela qual o autor do livro pode se expressar, sem se submeter à ótica de uma empresa. A próxima é a liberdade de fontes. Como já vimos antes, a imprensa diária, pela economia de tempo, muitas vezes estimula o hábito de legitimar fontes, ou seja, sempre consultar uma mesma fonte sobre determinado tema. O livro, sem preocupações com tempo de produção, terá mais tempo para diversificar suas fontes. Pela liberdade temporal, o autor poderá voltar no passado para entender suas implicações no fato presente. A liberdade do eixo de abordagem significa a não necessidade do relato girar em torno da factualidade, podendo adentrar questões mais duradouras que venham a compor o terreno do conflito. Por último, a liberdade de propósito, que permitirá que o livro busque objetivos mais elevados do que apenas a informação anestesiadora.

5 O INVERNO DA GUERRA: UMA LUZ SOBRE O MÉTODO DA REPORTAGEM

Joel Silveira é tido como um dos jornalistas que revolucionou a prática da reportagem no Brasil. Foi por isso que despertou a curiosidade da autora deste trabalho. Descobrir de que maneira Joel utiliza as técnicas de reportagem e que peculiaridades do método tornaram seu trabalho tão conhecido e respeitado no meio jornalístico foi um dos objetivos desta monografia. Com isso, foi possível não apenas entender melhor o trabalho deste repórter, como também revisitar conceitos da reportagem, pois trata-se de utilizar um caso real para entender a relação específica que este tem com modelos ou teorias.

Para tanto, foi escolhida como estratégia de pesquisa o estudo de caso. Duarte resume, no capítulo *Estudo de caso*, no livro *Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação* (2005), o que é o método:

... o estudo de caso é o método que contribui para a compreensão dos fenômenos sociais complexos, sejam individuais, organizacionais, sociais ou políticos. É o estudo das peculiaridades, das diferenças daquilo que o torna único e por essa mesma razão o distingue ou o aproxima dos demais fenômenos. (DUARTE, 2006, p. 234)

Para analisar o material produzido por Joel em *O inverno da guerra*, serão buscadas as evidências de como o autor utiliza as técnicas de reportagem, como a apuração, o uso de fontes, os recursos narrativos, a observação participante etc. Tais características serão apreendidas pelo que foi apresentado nos capítulos anteriores, reservados à pesquisa bibliográfica e teórica sobre o assunto.

Por que escolher o livro *O inverno da guerra*? A escolha foi baseada em dois fatores. O primeiro diz respeito, simplesmente, ao tempo que a autora deste trabalho tinha disponível para a realização do estudo. Como a obra de Silveira é muito extensa e não poderiam ser abordadas e discutidas todas as suas grandes reportagens, a idéia era que o trabalho se aprofundasse na análise de um caso para obter tanto uma compreensão maior e mais rica do que diferencia a grande reportagem da simples notícia quanto à maneira como Joel Silveira utilizava as técnicas que possibilitam essa diferenciação. O segundo fator é a própria importância da obra. Poucas vezes vimos repórteres cobrindo guerras tão de perto como Silveira fez na série de reportagens que

deram origem a *O inverno da guerra*. O caso é um belo exemplo do que pode fazer um jornalista quando se utiliza da técnica da observação participante, que também traz à tona a discussão sobre a presença do repórter como testemunha dos fatos e as influências disso na tão discutida questão da objetividade jornalística. As histórias contadas nos textos não perderam a validade com o passar dos anos e muitos jornalistas aspirantes procuram nelas inspiração para a prática da profissão.

5.1 A “víbora” Joel Silveira

Personagem que inspira estudantes e profissionais do jornalismo, Joel Silveira foi, durante seus 88 anos de vida, repórter especial, correspondente de guerra e autor de reportagens que geraram mais de 40 livros. Sergipano da cidade de Lagarto, Joel mudou-se para o Rio de Janeiro aos 19 anos, onde trabalhou em veículos como *O Cruzeiro*, *Diretrizes*, *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo*, *Correio da Manhã* e *Manchete*.

Chegou ao Rio de Janeiro com a idéia de bater na porta do semanário *Dom Casmurro*, a mais importante publicação literário-jornalística da época. E o fez, saindo de lá empregado. Seis meses depois já era secretário de redação.

Mas foi em *Diretrizes*, semanário lançado por Samuel Wainer em março de 1938, que Joel passou a fazer parte do primeiro time da imprensa nacional. A reportagem que o colocou neste patamar foi *Grã-finos em São Paulo*, escrita no começo dos anos 40. O texto irônico, mordaz e agressivo falava sobre o cotidiano da alta sociedade paulistana. Abaixo, um trecho da reportagem:

Era uma festa somente para milionários, e sobre todos aqueles sobrenomes repousava a força paulista de hoje. Por detrás dos sobrenomes, há um mundo incrível: centenas de fábricas, milhares de chaminés, milhares de operários. Era um grupo terrível, avassalador. Com um gesto de mão, qualquer um deles poderia me aniquilar, me tanger longe, lá na rua. Mas os milionários apenas sorriam. Sorriam e bailavam com as mulheres, todas muito belas. (SILVEIRA apud PINHEIRO, 2007)

A matéria agradou o então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, o que fez com que Joel fosse, então, convidado por Assis Chateaubriand (na época muito próximo a Vargas) a fazer parte dos *Diários Associados*. Ele recusou o convite. *Diretrizes*, no entanto, vivia tendo problemas com

o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo. E foi justamente uma entrevista feita por Joel com o escritor Monteiro Lobato que levou o semanário de Wainer a fechar. O título da entrevista foi uma fala de Lobato: “O governo deve sair do povo como a fumaça da fogueira”. (SILVEIRA, 2003, p. 64)

Com o fechamento de *Diretrizes*, Joel não teve outra escolha. Desempregado e sem opção, aceitou o convite de Chateaubriand. Este lhe deu o apelido de “víbora”, devido ao seu texto irônico. Trabalhou lá de junho de 1944 a julho de 1945.

Foi pelo *Diários Associados* que Joel foi enviado, aos 26 anos, para acompanhar as ações da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, sendo o correspondente mais jovem. Antes de partir, recebeu esta ordem de Chatô: “Vá para a guerra, seu Silveira, mas por favor, não me morra! Não me morra, seu Silveira. Repórter não é para morrer. Repórter é para mandar notícias” (SILVEIRA, 2003, p. 74). A série de reportagens feitas para o *Diários Associados* deu origem ao livro *Histórias de pracinhas* (1945), esgotado há mais de 30 anos. A seleção dos melhores textos deste livro deu origem a *O inverno da guerra*.

Seus textos tinham as características do *new journalism* dos anos 60, mesmo que escritos duas décadas antes. Foi ganhador dos prêmios Esso, Jabuti, Libero Badaró e Golfinho de Ouro. Também foi homenageado, em maio de 2007, pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo, no 2º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo.

O jornalista também foi íntimo do poder político. Teve contato com todos os presidentes, desde Getúlio Vargas. Chegou, inclusive, a roubar uma namorada de Juscelino Kubitschek. Com Jânio Quadros, viajou de navio para a Europa, quando ele havia recém sido eleito. A travessia deu origem ao livro *Viagem com o presidente eleito* (1996).

Deixando um rico e vasto material jornalístico, inspirador para as gerações futuras, Joel Silveira faleceu em agosto de 2007, aos 88 anos, em Copacabana, no Rio de Janeiro.

5.2 O livro *O inverno da guerra*

O livro *O inverno da guerra*, de Joel Silveira, foi escrito como um diário de bordo. Joel acompanhou por nove meses a Força Expedicionária Brasileira (FEB), desde a travessia com mais de 6 mil soldados brasileiros até Nápoles, na Itália, seguindo até o fim da guerra, em maio de 1945.

O cotidiano dos pracinhas em uma guerra que se desenvolvia em um cenário semi-destruído é descrito por Joel em um texto repleto de informação e, muitas vezes, lírico. O Brasil vivia a ditadura do Estado Novo (1937 - 1945). Getúlio Vargas foi contrário à presença dos jornais no *front*. Seu ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, achava que os correspondentes só iriam atrapalhar, o que também pensava o Dr. Lourival Fontes, chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). No primeiro escalão da FEB foram apenas jornalistas e fotógrafos da Agência Nacional. Os diretores de alguns jornais não se conformaram. O ultimato deles foi: “ou mandamos nossos próprios correspondentes ou não publicamos nada do DIP referente à FEB. Usaremos apenas o serviço das agências internacionais” (SILVEIRA, 2005, p. 17). Foi assim que partiram Joel e os amigos Rubem Braga, do *Diário Carioca*, Egydio Squeff, do *O Globo*, Thassilo Mitke, da *Agência Nacional*, e Raul Brandão, do *Correio da manhã*.

Um dos momentos mais importantes do livro é o capítulo que trata da tomada de Monte Castelo, quando Joel anota, minuciosamente, todos os passos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para tomar o local. O relato era uma descrição detalhada do que o repórter presenciava, envolto, equilibradamente, pela visão pessoal de Joel sobre o conflito.

Joel Silveira não morreu na guerra, como havia lhe pedido Chateaubriand, seu patrão. No entanto, ele afirma em um trecho: “Não foi exatamente por delicadeza que naqueles nove meses perdi parte da minha mocidade, ou o que restava dela. A guerra, repito, é nojenta, e o que ela nos tira (quando não nos tira a vida), nunca mais nos devolve” (SILVEIRA, 2005, p. 20).

6 A REPORTAGEM EM *O INVERNO DA GUERRA*

Os textos de Joel Silveira reunidos no livro *O inverno da guerra* não são apenas uma coletânea das histórias que ele viveu e testemunhou como correspondente de guerra. Para o jornalismo e seus estudiosos, são também como uma coletânea das técnicas que fizeram de Joel Silveira o grande nome que é dentro da história da imprensa brasileira.

Dentre as categorias apontadas por Lima (1993), o livro *O inverno da guerra* melhor se encaixa na de livro-reportagem-depoimento, pois trata de um acontecimento relevante presenciado por alguém. De acordo com a classificação proposta por Lima quanto ao vínculo com o jornalismo cotidiano, *O inverno da guerra* está na categoria daqueles que se originam de matérias já publicadas na imprensa diária, o que não faz dele, portanto, um livro desde sua concepção. Por isso a análise desta obra de Silveira parece mais adequada quando voltamos o pensamento para a teoria da reportagem do que para a do livro-reportagem.

O trabalho dele que será aqui abordado é considerado um dos clássicos do jornalismo brasileiro, por todo o esforço em retratar personagens, situações, paisagens etc., de maneira que quem lê seus textos consegue imaginar o cenário do conflito. A descrição, por vezes minuciosa, daquilo que ele via no *front*, ajuda-nos a compreender porque foi conferido a Joel Silveira o título de seguidor do jornalismo literário. A técnica, que também foi amplamente utilizada no *new journalism*, está exemplificada no trecho abaixo, que abre a reportagem-capítulo *A sala dos segredos*, quando ele descreve um ambiente:

Esta é a sala onde todos os mistérios da frente podem ser revelados. As paredes estão cobertas de mapas, há dezenas de bandeirinhas e círculos coloridos em torno de números que encobrem nomes de montes, vales, despenhadeiros, pontes, rios, povoados, casamatas e posições inimigas. O coronel escuta qualquer coisa no telefone de campanha, transmite uma ordem ligeira para o sargento vizinho, e o sargento vai e traça um círculo vermelho em redor de tal número. (SILVEIRA, 2005, p. 55)

No próximo trecho, recortado da reportagem-capítulo *O tempo retrocede*, temos um exemplo de construção de cena, a primeira das técnicas apontadas por Tom Wolfe (2005) como recurso que deu poder a romancistas como Balzac, Dickens e Gogol e que foi tomado de empréstimo pelos jornalistas de 60 nos EUA. Não era uma novidade no jornalismo usar esse recurso. Lembremos que o *new journalism* foi apenas uma vertente renovadora do jornalismo

literário. O que explica como poderia Joel já ter utilizado a técnica em 1944:

Creio que nunca mais em minha vida esquecerei o que vi. Restos de um caminhão Dodge jaziam lá embaixo, e pedaços de sua carroceria grimparam e se espalharam pelas encostas dos morros vizinhos. No meio da estrada, a viatura parou diante de uma massa negra e sangrenta: um pouco de carne esfaçalhada, um braço ou uma perna, que a força do projétil jogara ali. Adiante, deitado na borda da estrada, diante dos padioleiros que lhe ministravam os primeiros cuidados, um 'MP' se torcia de dores, com a mão esquerda decepada. Outro pracinha da Polícia, o soldado Santos, chegou perto de mim esfregando os olhos com as mãos. Tinha um rosto meio atônito, como se tivesse levado um golpe pesado na cabeça. Disse numa voz sumida:
– Morreram três. (SILVEIRA, 2005, p. 139)

As matérias de Joel Silveira enviadas do *front* enquanto ele era correspondente na Segunda Guerra para serem veiculadas no *Diários Associados* apresentam todas as principais características de reportagem apresentadas por Sodré e Ferrari (1986): predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.

Elas são predominantemente narrativas porque reconstroem as mudanças nas pessoas e nas situações ocorrendo diante dos olhos do leitor, justamente como explica Coimbra:

A estrutura do texto da reportagem narrativa não se apóia num raciocínio expresso. Sua característica fundamental é a de conter os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou de posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas. (COIMBRA, 1993, p. 44)

Na passagem que segue, da reportagem-capítulo *Sozinho no mundo*, o leitor fica com a nítida impressão de que a cena ocorre como uma filmagem cinematográfica, devido ao “movimento” do relato:

Interrompo esta reportagem – também eu tenho que descer. Sou o número 278 na ordem de desembarque; e dentro de mais alguns minutos, com mais de 50 quilos de bagagem às costas, estarei pisando num chão estranho e hostil. (SILVEIRA, 2005, p. 26)

Começa, então, a aventura da reportagem para Joel. E seu relato é cheio de impressões desde o momento em que pisa no cais:

Desço, me ataranto um pouco, procuro um rumo. Tudo me parece um deslumbramento: as casas partidas ao meio, os meninos andrajosos do porto, que me estendem suas mãos magras e súplicas, o emaranhado dos fios telegráficos que se enrolam nos postes como cobras, as mil tabuletas em inglês avisando, ordenando e orientando. Que devo fazer, assim largado com minha bagagem numa cidade que nunca vi, num mundo do qual jamais suspeitei? Uma folha perdida num torvelinho, um pobre e atarantado jovem de repente envolto num turbilhão. Nada aqui me pertence, nada tem a ver comigo. E, no entanto, aqui me jogaram para que eu cumpra uma missão – e terei que cumpri-la, de qualquer maneira. (SILVEIRA, 2005, p.26)

É possível notar a predominância narrativa tanto em cada capítulo em particular quanto na maneira em que elas são organizadas no livro. Isto se deve, em parte, porque elas foram encaminhadas para serem publicadas diariamente no *Diários Associados*, contando desde o embarque de Joel junto a 6 mil soldados brasileiros até o fim da guerra.

Isso não descarta, de qualquer maneira, a possibilidade de encontrarmos trechos em que a reportagem será um híbrido dos três tipos apontados por Coimbra (1993). A abertura da reportagem-capítulo *Aquilo lá é Bolonha*, por exemplo, é estruturalmente argumentativa:

Este é um dos mais terríveis caminhos de todos os Apeninos – uma estrada estreita e esburacada que sobe, como uma pessoa arquejante, pelas fraldas e escarpas. Muitas vezes o jipe tem que parar, e o pracinha é obrigado a fazer prodígios de vontade para levar seu carro além de uma cratera que a chuva fez crescer ou de um pedaço de caminho entulhado por qualquer desmoronamento. (SILVEIRA, 2005, p. 85)

Recurso típico da reportagem argumentativa, aqui o repórter inicia o texto afirmando algo para o leitor, em tom de imposição, para depois mostrar, pelo relato do que acontece com o jipe, a justificativa para chamar de terrível aqueles caminhos.

Quanto à humanização do relato, neste caso, se faz possível pela presença do repórter-testemunha, que se expressa em um texto de impressões e percepções próprias. A objetividade dos fatos narrados – que não deve ser confundida com aquela discutida anteriormente – é a característica responsável pela verossimilhança, ou seja, os fatos devem ser narrados com precisão, de maneira a garantir sua aproximação com a realidade. Vejamos neste trecho da reportagem-capítulo *A morte do sargento*, como ele, sem deixar a precisão de lado, humaniza o relato da morte de um pracinha – que poderia ser apenas mais uma dentre tantas que ocorriam todos os dias no conflito:

Vi perfeitamente quando a rajada da metralhadora alemã rasgou o peito do sargento Max Wolf Júnior. Instintivamente, ele juntou as mãos sobre o ventre e caiu de bruços. Não se mexeu mais. O tenente Otávio Costa, que estava ao meu lado, no Posto de Observação, apertou os dentes com força, mas não disse uma palavra. Quando lhe perguntei se o homem que havia tombado era o sargento Wolf, ele balançou afirmativamente a cabeça. Menos de uma hora antes eu estivera conversando com o sargento. Creio que foi a mim que ele fez suas últimas confidências. (...) Estão comigo as poucas linhas que sua letra fina e desenhada escreveu no meu caderno de notas: "Aos parentes e amigos: estou bem. À minha querida filhinha: papai vai bem e voltará breve". Não voltaria. (SILVEIRA, 2005, p.143)

As características de que falam Sodré e Ferrari são as mais abrangentes. Observando mais a fundo, veremos que, nas matérias de Joel, elas se desdobram em outras, únicas da reportagem, como o tratamento diferenciado do texto, do uso de fontes, das técnicas de apuração, dentre outras.

As fontes usadas por Joel serão sempre aquelas do meio militar, mas isso se deve ao fato de que ele estava apenas no meio de pracinhas e outros correspondentes de guerra. Ainda assim, dificilmente ele repete os personagens ou fontes a cada reportagem-capítulo. Tenta mostrar – mesmo quando parece que não há nada diverso dos pracinhas – a visão de personagens quase anônimas. É o caso das enfermeiras do Hospital 16:

A enfermeira Berta, que havia marcado uma "visitinha" a Florença, na manhã seguinte, teve que adiar o passeio para um "dia D qualquer". Uma vida, enfim, como qualquer outra vida da guerra: sem poesia, sem romance, árdua, exigente, desconfortável, incerta. Mas as moças nunca se queixam. (SILVEIRA, 2005, p. 138)

Para ser reportagem, no entanto, não basta um bom texto e uma história interessante. Ao analisarmos as matérias de Joel, encontramos também a clareza do método, base da disciplina da verificação, um dos elementos que Kovach e Rosenstiel (2004) chamam de essenciais. Entre os conceitos básicos da disciplina, eles afirmam que deve estar a transparência sobre seus métodos e motivo e nunca enganar o público. Abaixo, em um trecho de *O coronel Franklin*, Joel explica, por exemplo, por que não existem em seus textos entrevistas com os soldados presos pela FEB.

Uma das coisas mais ou menos incômodas que acontecem com os correspondentes, aqui na frente, é que não os deixam revelar conversas tidas com nazis presos. De vez em quando, com o pretexto de tentar pegar a censura desprevenida, envio aí para o Brasil entrevistas com prisioneiros alemães. Mas o tenente Roberto Boavista, o nosso censor adido ao 5º Exército, é aritmético na devolução das mesmas, que voltam a mim sempre acompanhadas de bilhetinhos alegres onde se explica que "não pode ser". (SILVEIRA, 2005, p. 104)

Uma vez que Joel Silveira foi enviado como correspondente de guerra por Chateaubriand pelo *Diários Associados*, suas reportagens são exemplo puro do método da observação participante. Se este material tem que ser lembrado por uma técnica de apuração, certamente será por essa. Em contato direto com o cenário onde os pracinhas da FEB e os inimigos entravam em conflito, Joel pôde captar detalhes das situações, dos personagens e do local que um jornalista que tentasse fazer a cobertura de dentro de uma redação jamais conseguiria. Mesmo hoje, quando todos os aparatos estão disponíveis a um repórter, direto de sua mesa de trabalho, nada semelhante poderia ter sido feito. Estando no meio do conflito, ele é capaz de descrever os momentos de angústia, saudades e medo dos pracinhas brasileiros, seja por descrição de cenas, de diálogos, de personagens. A precisão é possível, justamente, devido a esse repórter que tudo vê, tudo presencia, o que lhe dá ferramentas para fazer um relato fiel e verossímil. Um repórter que estará infinitamente em vantagem em relação àquele que não está no cenário do conflito. Em *Monte Castelo*, uma das reportagens mais marcantes do livro, Joel é capaz de recuperar em suas anotações até mesmo o horário exato em que cada novo passo da tomada de Monte Castelo pelos brasileiros se dá. Percebemos isso neste trecho da reportagem-capítulo *Monte Castelo é nosso*:

Às 15h30 o major Uzeda informa pelo rádio: "Meus homens estão prontos para atacar". Olho pelo binóculo que me emprestou o coronel Miranda Correia e vejo lá em cima, na cota 930, os soldados em formação de ataque, espalhados pelos pequenos vales, deitados na pouca neve que o sol fraco ainda não desfez. Entre 15h30 e 15h50 há uma relativa calma: somente os morteiros alemães, os aviões mergulhando e metralhando o Torraccia e um teco-teco brasileiro da Esquadilha de Ligação e Observação (ELO), que navega solitário sobre o campo de luta. (SILVEIRA, 2005, p. 96)

Joel não foi para a guerra por espontânea vontade. Foi enviado por Chateaubriand quase como um castigo, pelos problemas que causava ao seu chefe com seus textos de "víbora". No entanto, uma vez no local dos acontecimentos, ele fica aberto a todos os pequenos detalhes, vagando de um cenário a outro, dos QGs aos *foxholes* (trincheiras individuais), do jipe aos locais de batalha. Ele circula quase como o repórter-*flâneur* de João do Rio. Foi depois de João que a

presença do repórter no local dos acontecimentos tornou-se condição indispensável para a construção do texto jornalístico (BULHÕES, 2006, p. 58). Em *A alma encantadora das ruas e Vida vertiginosa*, reportagens feitas por João do Rio no início do século 20,

(...) a postura do narrador é a de um personagem de ficção investido da ação própria do profissional da imprensa, a do repórter; e, especialmente, de um ente que se movimenta no espaço urbano e vive "de dentro" a aventura da própria reportagem a ser escrita. Em muitos casos, as narrativas processarão as aventuras de um personagem-narrador-repórter na aventura de colher o material jornalístico. (BULHÕES, 2006, p. 58-59)

Algo parecido se dá nos textos de *O inverno da guerra*, escrito praticamente como um diário de bordo da cobertura feita por Joel.

O capitão nos leva até os *foxholes*, um buraco cavado no chão coberto de neve, e lá dentro fica o pracinha brasileiro, a mão segura na sua metralhadora ou no seu fuzil, sentado numa cadeira improvisada e os pés apoiados nos tijolos que foram aquecidos. Eles passam aqui duas horas cada um, num revezamento que atravessa toda a noite. Não é possível agüentar mais, e confesso aqui que, em 20 minutos apenas lá dentro, foram o suficiente para me transformar num homem sem salvação. O frio me enrolou como se eu tivesse caído numa fogueira gelada, e quando salto do buraco meus pés estão inertes como dois pedaços de chumbo. (SILVEIRA, 2005, p. 46)

O método, como já dito anteriormente, suscita a discussão sobre a objetividade-subjetividade no jornalismo, pela presença do repórter no campo dos conflitos participando daquele cotidiano, quase como uma personagem. Os manuais de redação dos principais jornais pregam, por exemplo, o uso de terceira pessoa (em modo dramático) e o não-uso de adjetivos, como se isso fosse garantia de que dessa maneira a subjetividade do repórter se apagaria. Joel quebra essas duas regras nos textos aqui analisados. A verdade de um fato, compromisso do jornalista, deve também levar em conta a interpretação dos fatos, nos diz Cornu (1999), uma vez que o jornalismo não é uma mera reprodução da realidade. O repórter não tem como deixar de lado seus valores nem mesmo na escolha daquilo que ele considera notável em um extrato da realidade. Joel é aqui carregado de uma intenção: mostrar a crueldade da guerra. Ele não está falando de algo exterior aos emissores e receptores, não tem obrigação, portanto, do uso do modo dramático (narrador em 3ª pessoa). Ele não se limita a informar, mas a observar, interpretar e relatar. Sabe que, como intérprete da realidade, é sujeito ativo e inseparável dessa ação. Joel não tem medo de se assumir como esse sujeito, tanto que narra sempre em 1ª pessoa.

O leitor toma conhecimento de que Joel participa do cenário da reportagem como observador justamente pela escolha do repórter pelo tipo de narrador-testemunha, em 1ª pessoa, na classificação de Lígia Leite apresentada por Coimbra (1993). Assim ele se comporta nas 35 reportagens reunidas em *O inverno da guerra*. O repórter não chega a ser um narrador protagonista, como foi José Hamilton Ribeiro em sua reportagem sobre a Guerra do Vietnã, em matéria para a revista *Realidade* de maio de 1968. José Hamilton foi o centro do acontecimento. Nas reportagens de Joel Silveira, ele testemunha as ações da FEB e as narra, mas ele é apenas um dentre todos estes pracinhas que também sofrem as agruras da guerra, não se distancia dos acontecimentos como um observador longínquo. Não deixa de demonstrar suas percepções, sentimentos e pensamentos, como bem demonstra o trecho abaixo, do capítulo *Nós temos razão e eles não têm*, quando um major faz um discurso de boas-vindas, em uma igreja, para uma tropa de pracinhas recém-chegados a Europa:

Tudo isto foi dito, simplesmente, numa conversa de alagoano para gente do norte, sem demagogia e empáfia. Não sei se foi o ambiente, ou a cara triste de São José (ou São Pedro), ou os tiros lá fora – mas o certo é que achei o pequeno discurso do Major Uzeda uma das mais belas e fortes conversas já escutadas em minha vida. (SILVEIRA, 2005, p. 113)

Com mente aberta para a serendipidade, Joel demonstra que nem sempre precisará de um gancho para seus relatos. Na reportagem-capítulo *O anjo postal*, ele conta como é a expectativa dos soldados que ficam à espera de correspondência do Brasil. O gancho dele para esta matéria, que explica como funciona o serviço postal para os pracinhas, parte justamente desse comportamento de quem está preparado, com os sentidos aguçados, para encontrar até mesmo aquilo que não procura. Ou seja, preparado para a descoberta inesperada, para a serendípite.

Uma noite dessas, estava eu num ponto qualquer da frente, quando um grupo de soldados e um sargento voltavam de uma patrulha. Estavam todos cansados e cobertos de neve. Alguém, então, avisou ao soldado: “Chegou uma carta para você”. Os olhos do soldado brilharam muito e ele esqueceu todos os seus cansaços e frios. Nem chegou a tirar o pesado capacete: foi para um canto, perto do fogo, e ficou lá minutos e minutos, perdido nas acanhadas notícias que vinham de sua casa. (SILVEIRA, 2005, 54)

Os muitos trechos líricos e o uso de metáforas fazem do relato não apenas uma narrativa humanizada, mas também algo muito próximo da literatura. Vale lembrar, no entanto, que o tema

do livro é não-ficcional. O que, na verdade, só ressalta mais uma grande façanha de Joel Silveira: transformar boas histórias em algo sedutor para o leitor.

7 CONCLUSÃO

A reportagem, pelo menos dentre aquelas mais elaboradas, comprometidas com a experimentação, como no *new journalism*, por exemplo, tem estado atrofiada nas redações. O que é de se esperar, uma vez que a racionalização das rotinas de produção jornalísticas ainda imperam nas redações. O fazer jornalístico de notícias para consumo atropela a explicação do fato, ignora a importância do repórter presente no cenário do conflito e tenta apagar as marcas de subjetividade desse sujeito, como se isso fosse possível por meio de um texto enxuto e superficial.

Pela pesquisa bibliográfica, revisitamos algumas técnicas da reportagem que fazem este gênero tão enriquecedor para a compreensão da contemporaneidade. No entanto, a teoria teria ficado muito vaga sem percebê-la em exemplos concretos. As reportagens de Joel Silveira reunidas em *O inverno da guerra* nos ajudam a refletir sobre o jornalismo que praticamos hoje e aquele que queremos no futuro. Por sua análise, percebemos toda a riqueza de uma metodologia sofisticada, que tem sido preterida por uma metodologia do noticiário, que visa quase sempre ao consumo de informação em massa, para um público o mais indeterminado possível.

Percebemos na análise do livro *O inverno da guerra*, que Joel não se prende a nenhuma dessas amarras que o noticiário impõe aos profissionais de imprensa. Tanto pela observação participante e pelo narrador em 1ª pessoa, quanto pelo texto lírico e humano.

A escolha do livro *O inverno da guerra* como caso de análise não foi uma escolha inocente. Joel Silveira é, sem sombra de dúvida, um dos maiores repórteres da história da imprensa brasileira, principalmente do gênero reportagem. Embora tenha escrito muitos livros, *O inverno da guerra* parecia o mais adequado justamente pelo mergulho do repórter na realidade que busca interpretar. A técnica é pouco empregada nos dias de hoje, em parte devido à estrutura econômica dos meios de comunicação, oligopolistas e concentrados na mão de poucos, que buscam a simplificação das rotinas produtivas de informação.

A simplificação dessas rotinas, seja pelo texto, pelo uso de fontes repetidas, pelo repórter que não sai da redação e faz tudo por telefone ou pela internet, em uma tentativa de abordar o maior número possível de fatos da atualidade, está longe de ser o melhor dos recursos na busca por uma retratação da realidade. Na era da informação fácil e rapidamente disponível, as pessoas querem algo mais do jornalismo, principalmente do impresso. Elas querem informação contextualizada. Se vier envolta em um texto sedutor, que prenda a atenção do leitor, melhor

ainda. Nesse ponto, vale lembrar que um repórter que se faz presente no texto, em 1ª pessoa, não necessariamente prejudica a credibilidade de um texto. Joel Silveira é um belo exemplo de repórter-narrador em *O inverno da guerra*. Isso porque o estar presente do repórter no local dos conflitos, presenciando o desenrolar dos fatos, permite que ele narre as cenas de maneira que, enquanto se lê o texto, é como se os acontecimentos se desenrolassem sob os olhos do leitor, tal qual um filme.

Acreditamos que esta pesquisa é um primeiro e pequeno passo para um jornalismo mais reflexivo e crítico, potencialmente criativo pela presença do sujeito-repórter. Caminhando nesta direção, poderemos ter alternativas para o futuro dos veículos impressos, que hoje brigam para manter seu espaço junto a meios que têm se feito tão mais imediatos, como a internet. Se o ponto de partida para o jornalismo não é simplesmente a imediatez do fato, mas a compreensão dele, reportagem é, portanto, por tudo que vimos neste trabalho, o mais perfeito sinônimo de jornalismo.

REFERÊNCIAS

BELO, Eduardo. Livro-reportagem. São Paulo: Contexto, 2006.

BULHÕES, Marcelo. O jornalista-flâneur: considerações sobre a reportagem em João do Rio. Ecos Revista, Pelotas: Universidade Católica de Pelotas: Educat, v. 10, n.1, p. 47-64, jan-jun/2006

CADERNOS DA COMUNICAÇÃO. New Journalism: a reportagem como criação literária. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação, v.7, ago. 2003

COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Editora Ática, 1993.

CORNU, Daniel. Jornalismo e verdade: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006. p. 215-235

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração editorial, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. Jornalismo Fin-de-Siècle. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1993.

LACAZ-RUIZ, Rogério. O espírito de Serendipite. Mirandum, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 113-116, 1998. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand4/suplem4/oesprito.htm>> Acesso em: 9nov. 2008.

LAGE, Nilson. Estrutura da Notícia. São Paulo: Editora Ática, 1993.

_____. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001a.

_____. Ideologia e Técnica da Notícia. Florianópolis: Editora Insular, 2001b.

_____. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993

_____. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense, 1998.

- MILMAN, Luis. A metodologia do jornalismo: breve excuroso sobre a natureza de um conflito. In: LEVACOV, M. et al (orgs.). Tendências na comunicação. Porto Alegre: L&PM, 1998
- RIO, João do. A alma encantadora das ruas. Paris: H. Garnier, 1908. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000039.pdf>> Acesso em: 9 nov. 2008.
- SILVEIRA, Joel. Encontro com Chatô. In: SILVEIRA, Joel. A milésima segunda noite da avenida Paulista. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. O inverno da guerra. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005
- SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- _____. O texto nos meios de comunicação: técnicas de redação. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1987.
- PINHEIRO, Márcio. Veneno antimonotonia. Zero Hora, Porto Alegre, 18 ago. 2007. Caderno Cultura, p. 6.
- TRAQUINA, Nelson. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- WOLFE. Tom. Radical chique e o novo jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ANEXO

Capa do livro *O inverno da guerra*, da Editora Objetiva (2005)

